

# **ESCOLAS DO PORTO E DE MADRID**

Organização de António Braz Teixeira, Celeste Natário,  
José Carlos Pereira e Renato Epifânio

2021

Edição conjunta de:

Instituto de Filosofia da Universidade do Porto  
Via Panorâmica s/n  
4150-564 Porto

e

DG Edições  
Av. D. Pedro V, 15 - 5.º Esq.º  
2795-151 Linda-a-Velha

Composição e maquetagem: DG edições

Fotografia da capa: Ortega y Gasset, Leonardo Coimbra e

Garcia Morente

Impressão e acabamento: VASP DPS

ISBN: 978-989-53284-5-1

Depósito Legal: 491048/21

Primeira edição: Novembro de 2021

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-53284-5-1/esc>

O presente livro é uma publicação do Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, financiada por Fundos Nacionais através da FCT/MCTES - Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência UIDB/00502/2020.

DA CONCRETUDE DA CIRCUNSTÂNCIA À INFINITUDE  
(DA PERSONA) FILOSÓFICA – JULIÁN MARÍAS OU DA RES  
À PERSONA, BREVE CONTRIBUTO PARA UMA REFLEXÃO  
ACERCA DE UMA FILOSOFIA PÓS-MODERNA OU...  
RADICALMENTE METAFÍSICA

Lúsa Borges e Joaquim Pinto

(Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

“Eu sou eu e minha circunstância e, se eu não a salvo, não me salvo a mim”

Ortega

“La razón es que mi vida acontece en forma de *convivencia*; es la forma concreta que presenta, en una de sus dimensiones, su circunstancialidad; *en mi vida* encuentro *otras vidas*. Me descubro como un *yo*, no primariamente, sino frente a un *tú* (secundariamente un *él* o una *ella*); y este es el primer sentido de la expresión ‘*mi vida*’.”

Marías

### 1. Breve narrativa biográfica – o homem e as suas circunstâncias

O nome de Julián Marías coloca-nos imediatamente perante uma referência incontornável no contexto da Filosofia Ibérica e da, designação dada pelo próprio, ‘Escola de Madrid’, e essa *circunstância* está indissolivelmente ligada ao facto de ter sido um dos mais destacados discípulos de Ortega Y Gasset, ao ponto de se poder afirmar que, de entre toda a vasta e rica plêiade de filósofos fortemente marcados pelo magistério do autor de *Meditaciones del Quijote*, Marías encarna, por excelência, a figura do fiel *discípulo*, isto é, aquele que não somente se bateu pela divulgação da obra de Ortega e por uma interpretação autêntica e não desfiguradora desta, como, também, aquele que tentou aprofundar e levar aos limites a sua substantividade e a aplicabilidade dos seus fundamentos. Não obstante, esta circunstância não deve escamotear nem sobrepor-se à afirmação original da filosofia de Julián Marías no contexto, não apenas da Filosofia Ibérica, como da Filosofia Europeia. Por outro lado, a influência do magistério académico globalizante de Marías, resultante da divulgação da sua obra e obras de outros pensadores ibéricos de renome, no continente Americano, mormente na América Latina, Brasil e Estados Unidos, o seu

reconhecimento na Europa e – posteriormente – na própria Espanha relevam e revelam da sua marca original no contexto da reflexão filosófica e do seu contributo para o (re)lançar de uma meditação filosófica actual e autenticamente ‘pós-moderna’ e universal, nestes tempos conturbados que marcam a transição do século XX para o século XXI. Interessa referir, sublinhando-o, que a ‘pós-modernidade’ da obra de Marías deve ser lida e (re)entendida à luz de uma antropologia que, ainda que radicalmente se inscreva fora dos cânones de uma tradição dita ‘escolástica’ – tanto distante de São Tomás como de Descartes –, se afirma radicalmente metafísica e heterodoxa.

Com efeito, o extenso excurso da vida ou da biografia de Julián Marías, nascido em Valladolid em 1914, no início da Primeira Grande Guerra, e falecido em Madrid, em 2005, com 91 anos de idade, cinco anos depois do dealbar do novo milénio, coincide notória e temporalmente, de uma forma praticamente integral, com os 100 anos do século XX e os seus acontecimentos culturais, políticos, económicos, sociais e religiosos, que tão fortemente marcaram o continente europeu e a Península Ibérica antes e durante a II Grande Guerra e o pós-Guerra: a Guerra Civil Espanhola, a Segunda Guerra Mundial, a regime ditatorial franquista, por um lado; os movimentos de libertação associados ao anti-colonialismo, ao feminismo e ao Maio de 68 e ao Concílio Vaticano II (onde aliás é convidado a estar presente em algumas sessões para reflectir *in loco...*), por outro.

Desde muito cedo, a existência do autor de *Introducción a la Filosofía* aparece marcada por uma circunstancialidade adversa, característica indelével do período entre as duas guerras, marcada, também, de igual modo, tragicamente, pela morte do seu irmão mais velho, à qual assiste, ainda criança. A sua família desloca-se para Madrid em 1919, onde inicia um percurso académico assinalado por encontros fundamentais para a estruturação do seu pensamento e obra, como o ano de 1929 em que contacta pela primeira vez com a obra de Ortega, o ano de 1931 em que termina o bacharelato e inicia estudos de ciência e de filosofia, onde acaba por centrar o seu interesse e atenção, muito provavelmente estimulado por Manuel García Morente – de quem foi aluno e com quem mantém estreita relação de amizade durante toda a sua vida –, em torno de quem orbitavam outros ilustres pensadores como José Ortega y Gasset, Xavier Zubiri, José Gaos e Julián Besteiro, e personalidades como Ramón Menéndez Pidal, Américo Castro e Claudio Sánchez Albornoz, entre muitos outros que a ausência de destaque não lhes retira a importância.

Em 1932 torna-se aluno de Ortega e amigo de Zubiri de quem será, aliás, doutorando e continuador da sua monumental *Historia de la Filosofía* (1941) – *que dedicará, aliás, sentida e significativamente, a Morente. Marías começa a publicar ensaios sensivelmente a partir de 1934, licencia-se em filosofia em 1936 e obtém o doutoramento em 1951.* Equidistante dos dois polos que se digladiaram durante a Guerra Civil de Espanha, defensor de uma solução que evitasse a carnificina, próximo das posições defendidas por Julián Besteiro, é detido por estas razões políticas por alguns meses e posteriormente impedido de leccionar na universidade pública. Em 1941 casa com a colega Dolores Franco, parceira de vida e pensamento, que, segundo Helio Carpintero Capell, incentiva Marías a criticar e a demarcar-se do regime franquista e a bater-se pelo legado de Ortega e de Unamuno. Marías irá sair várias vezes em defesa dos princípios filosóficos orteguianos, contra as críticas de uma ortodoxia integrista católica, característica de sectores dominantes da cultura espanhola e fortemente comprometidos com a ‘cultura’ franquista. Aquando do retorno do exílio de Ortega em 1946 funda com este, em 1948, o Instituto de Humanidades, instituição privada ou ‘casa de cursos’ onde colaboram nomes como García Gómez, Benito Gaya ou Valentín de Sambricio.

As difíceis circunstâncias económicas, geradas pelas proibições impostas pelo regime franquista, apesar de alguns períodos de abertura relativa, em 1950 ou 55 (ano da morte de Ortega), logo seguidos de novas investidas dos sectores católicos mais tradicionalistas e integristas, levam Marías a dedicar-se à escrita e ao magistério no sector privado. 1951 representa um marco indelével neste périplo filosófico-biográfico, pois assinalou o início da ‘descoberta’, primeiro americana e depois europeia, do pensamento de Marías e, em consequência, da ‘Escola de Madrid’, suportando e dando suporte à expressão planetária que granjeou a filosofia de Ortega. A partir deste ano, Marías irá leccionar nos Estados Unidos, literatura e filosofia no Wellesley College, no Bryn Mawr College, em Yale, em Indiana, e a sua obra irá conhecer sucessivas traduções em inglês, alemão, em português; a sua presença será requerida em encontros e congressos internacionais, num progressivo movimento de descoberta e de encontro com personalidades como Heidegger e Gabriel Marcel em 1954 e que culminará na sua nomeação para o Institut International de Philosophie, no decurso de 1953. A partir de 1960, cinco anos depois do desaparecimento físico de Ortega, e no seguimento dos seus comentários às *Meditaciones del Quijote* de 1957, a reflexão de Marías em torno da obra de Ortega assume, porven-

tura, uma forma mais sistemática e traduz-se, para além dos comentários, em ensaios e livros, como a extensa biografia *Ortega I* de 1960, *Circunstancia y vocación de 1960* ou *Ortega. Las trayectorias de 1983*. Finalmente, nos anos 80, à semelhança do que vem a suceder com alguns dos pensadores que haviam sido ostracizados pelo regime franquista, o mérito de Mariás é reconhecido em Espanha e é-lhe oferecida uma cátedra na Universidad Nacional de Educación a Distancia.

## **2. Da crítica da ‘coisificação’ da vida à construção da persona filosófica**

Se bem que a obra de Mariás possa, e em certa medida deva, ser pensada à luz de uma hermenêutica em estreita re-ligação constante com a de Ortega, este entendimento, embora estreito, não pode ser estrito, pois é mais da ordem do amplexo gratificante e vivificador. A sua obra, profundamente coerente com a sua biografia, joga-se numa heterodoxia onde as obras ‘teóricas’ esclarecem e iluminam os aspectos biográficos e as entrevistas e conferências biográfico-existenciais iluminam as ‘teorias’ entendidas como ‘práticas’ filosóficas, vivências ou convivências com a história da filosofia, interpretada como uma narrativa conjugada pelos diversos autores glosados. À semelhança de Ortega, há todo um conjunto de metáforas que, não apenas ilustram ou esclarecem pontos, porventura mais obscuros ou difíceis do pensamento, como se tornam os polos simbólicos ou ‘teóricos’ sobre os quais incide a reflexão.

É deste modo que entendemos como o ‘conceito’ de *res*, de ‘coisa’, tão profusamente revisitado, discutido e criticado por Mariás, como, por exemplo, na sua monumental *Antropología Metafísica, La Estructura Empírica de la vida Humana* (1970) - a página setenta e uma do capítulo, sintomaticamente intitulado *Interpretación, teoría, razón*, é pensado enquanto, não apenas ‘circunstância’, mas ‘a *minha* circunstância’ ou esteio projectivo de facilidades ou dificuldades que se convertem em possibilidades de realização na ‘vida’. ‘Vida’ não entendida como uma abstracção, mas como uma concretude vivida na primeira pessoa, a ‘*minha* vida’: “Yo no puedo vivir más que proyectando un proyecto o pretensión sobre la realidad que encuentro; así, las facilidades o dificultades que integran mi circunstancia se convierten en posibilidades, entre cuyo repertorio tengo que elegir”. Circunstância dramaticamente vivencial, cuja radicalidade biográfica aparece esclarecida nas adversidades *pessoais* e a sua estóica ultrapassagem ou transmutação, passe a redundância, numa *coisa outra* que não já uma ‘coisa’, como qualquer outra, mas uma *vida, esta* que é a *minha*, porque

“*Vivir es aprehender la realidad en su efectiva conexión. La vida es la forma concreta de la razón*”.

Interessa salientar que em Marías, por mais acessível que pareça a sua escrita e a sua palavra falada, há um sentido profundo e *outro* – impensado e *nosso* – que somos convocados e instados a procurar. O termo ‘coisa’ ou *res* é dos mais banalizados na linguagem do nosso quotidiano e, também, dos mais sobejamente utilizados em todos os idiomas em que se tem feito e dito filosofia. Tal como a *percepção* implica uma *conexão* íntima *entre* nós e o mundo que se traduz na *visão real e irreal* ou a *narrativa biográfica* que daqui resulta a que se chama a *nostra* vida presente, aqui e agora, também a palavra *res* remete para uma etimologia plena de simbologia: um cortar cerce e rente, pela raiz. Há uma ambiguidade na linguagem quotidiana, mas também na linguagem filosófica que urge remeditar. A coisificação progressiva da vida a que correspondem algumas das mais significativas narrativas filosóficas ocidentais correspondeu a um desenraizamento ou a uma desconexão dos seres humanos, não apenas ao ‘mundo’, pois constatar apenas isto seria uma mera abstracção, mas um desenraizamento e uma desconexão *de si a si mesmos* porque à convivência íntima com os outros.

Mas, a que corresponde este conceito de alteridade? Ele não deve converter-se numa nova abstracção, pois a tónica deve ser alocada ao conceito de *conexão* ou de *relação* que não pode abstrair-se nem excluir a noção de pertença a um Todo ou a um Ser que é não Vida, como conceito abstracto, mas ‘a minha vida’, a vida de cada um de nós na sua concretude dinâmica e trágica. Não se trata aqui de um ‘realismo’, nas suas diversas formas ‘cosmológicas’ ou ‘zoológicas’ ou ‘biológicas’, tão pouco de uma forma de ‘idealismo’ ‘subjectivista’, mas de uma filosofia da vida que, não obstante, não nega a hipótese mistérica de uma transcendência imanente à própria concretude humana. Não estamos no domínio da subjectividade do ‘subjectivismo’, nem tão pouco da mera opinião, mas da busca de uma verdade da qual a demanda filosófica não deve nem pode abdicar, sob pena de deixar de ser filosofia. Os seres humanos ou a razão humana estão votados a uma verdade que não é absoluta, que não esgota a realidade e que é conciliável com outras visões parciais do mundo que também não a esgotam. A isto corresponde uma *visão* do mundo ou um conjunto de visões do mundo *argumentadas e responsáveis*, imersas e balizadas numa *concretude* que é a finitude temporal que não deve ser confundida com o relativismo característico de algumas formas contemporâneas de interpretação do que pode significar a expressão ‘pós-modernismo’. O conceito a que poderia corresponder uma

noção de verdade absoluta teria de poder esgotar *todas as perspectivas imagináveis* acerca da realidade, visão absoluta que subsumisse todas as perspectivas imagináveis ao ponto de se corresponder com a noção de Deus.

A vida tem uma dimensão paradoxal, tensional que não tem a ver com os binómios característicos de uma abordagem gnosiológica tradicional plasmada em termos como sujeito e objeto, ‘realismo’, ‘materialismo’ ou ‘idealismo’, o ‘mundo inteligível’ ou o ‘mundo sensível’. A tensão é a conexão que nos pode impedir de cair e recair, sistematicamente, no *pensamento de coisas*, pois é esse pensamento que nos *coisifica*. A *tensão* ou a *conexão* é o *eu* que “mundifica” em simultâneo todos esses binómios possíveis que a história da filosofia vem enumerando. Neste sentido, o cristianismo representaria uma oportunidade, perdida de muitas formas, de repensar o conceito de *eu*, alocando-o a uma noção de *pessoa* de uma forma inovadora relativamente à filosofia dita pagã, mas, segundo Marías, apesar de o cristianismo ter *sido vivido pessoalmente*, não foi *pensado pessoalmente*. Pensadores cristãos como Descartes pensaram, de novo, o mundo como *res extensa* e *res cogitans*, voltando a recair na armadilha ‘coisificante’. A solução também não se acha na fenomenologia husserliana, pois a noção de consciência intencional que esta preconiza continua a substantivar a realidade reduzindo-a pela *epokhé* ao velho modelo das coisas radicadas, o que acaba por reduzir a consciência que reduz, como a realidade reduzida, a uma mera coisa entre outras; ao passo que uma concepção de realidade verdadeiramente radical nunca poderia ser ‘coisa’. Não obstante, Marías recorre a alguns termos da fenomenologia, remedita-os numa perspectiva analítica próxima do pensamento de Heidegger, mas manifestamente mais empírica do que a do autor de *Dasein*.

A nossa vida pessoal, a nossa vida biográfica, a nossa narrativa pessoal e biográfica é real, na medida em que é dramática e projectiva, e também na medida em que é irreal. Neste sentido, a história humana, a história de cada ser humano coincide com a história da (própria interpretação do que seja) verdade, em cada lugar geográfico e em cada tempo histórico, cuja grande narrativa se pode dividir em três grandes etapas temporais, como afirma Marías em *Antropología Metafísica, La Estructura Empírica de la vida Humana*:

las tres grandes interpretaciones históricas de la verdad —la griega o *alétheia*, la latina o *veritas*, la hebrea o *emunah*—, que corresponden en cierto sentido y exagerando las cosas al presente, el pasado y el futuro, si se quiere, a la ciencia, la historia y la profecía, corresponden a los tres

sentidos de la verdad y la falsedad en la vida del niño, es decir, en la forma más elemental y menos teórica de la vida humana (1970, 15).

Existe, pois, uma analogia entre uma perspectiva dada pela história universal e uma perspectiva dada a partir da vida biográfica de cada ser humano, esta analogia é traçada a partir do conceito de narrativa, de linguagem ou palavra e do projecto de um sentido global, convivencial, empático e conciliador que funciona como um operador lógico e racional conectivo. Não obstante, a sua predicação é concreta e não abstracta, na medida em que, enraizando-se numa narrativa biográfica pessoal, se desenrola, dramaticamente, num cenário circunstancial feito de *aqui* e de *agora*, um *lugar* e um *tempo empíricos*, mundanos, convivenciais e... *vivos*. Há, de igual modo, uma analogia que é traçada entre o despertar ou o acontecer histórico da filosofia e o despertar para a filosofia por parte de cada ser humano. A obra de Marías parece demandar de cada um de nós não apenas esse despertar genésico do pensamento e da reflexão, mas apresenta em cada momento essa urgência dramática da razão de pensar dizendo-se e de se dizer pensando-se, como uma evocação da nossa história pessoal e uma vocação projectiva que apela não propriamente a uma reminiscência ou a uma intuição de tipo platónico, mas a uma imaginação vocativa futurante. Por essa razão não devemos ater-nos nem aos conceitos tradicionais da história da filosofia, nem tão pouco os podemos ignorar: devemos repensá-los na sua radicalidade ou na sua raiz mais profunda, como se nos fosse exigido, mais do que um nascimento, a contínua renovação de uma atitude filosófica ou um renascimento contínuo, como precisa o autor na obra que mais acima citámos:

La filosofía aparece así como una forma radical de nacimiento, como un desgarramiento de la placenta originaria que es la sociedad tradicional, para vivir a la intemperie y —de un modo nunca dado hasta entonces— desde uno mismo. Lo decisivo es que la verdad filosófica no consiste solo en el momento de la *alétheia*, el descubrimiento o patentización y, por tanto, la visión; requiere al mismo tiempo el afianzamiento o posesión de esa realidad vista; la filosofía es descubrir y ver, poner de manifiesto; si una filosofía no es visual, deja de ser filosofía —o es la filosofía de otros—; pero no basta con ver: hace falta además «dar cuenta» de eso que se ve, dar razón de sus conexiones. Por eso propuse hace algún tiempo una «definición» de la filosofía: *la visión responsable* (1970, 16).

A vida ou a realidade não é um mero conjunto de acontecimentos ou uma coleção de eventos acontecidos volvidos em ‘coisas’ ou uma soma aleatória ou determinada de momentos-coisas, mas um ‘acontecimento’ único infinito e paradoxalmente finito, um ‘[ter] que fazer’ ininterrupto balizado pelo nascimento e pela morte, como tempos fundamentais reais e irrealis, simbólicos e factuais deste processo contínuo, consubstancias de um eterno renascer que implica uma dupla responsabilidade, a demanda da verdade, o estar atento e desperto: “Filosofar es estar renaciendo a la verdad; es no poder dormir” (*ibid*).

### **3. A metafísica como forma de vida ou a Vida como gerúndio**

A filosofia de Mariás, que sempre se considerou a si mesmo como um escritor e um professor, realiza-se numa antropologia que se quer metafísica, no sentido em que a metafísica, tal como a vida, é um gerúndio, um *estou vivendo*. A ‘teoria da vida humana’, como *realidade radical é a metafísica*. Este *lugar teórico* é o lugar efectivo e radical da vida de cada um de nós; a análise da vida de cada um de nós é o lugar onde a vida se descobre a si mesma como acontecimento-sentido, numa unidade dramaticamente tensional: a pessoa onde se cruza e une, como num inexorável nó górdio, *empíria* e ‘teoria da vida’. A pessoa, a demanda da verdade e Deus são as questões basilares da metafísica de Mariás; a vida é reflexiva, não porque esta seja a sua ‘natureza’, mas porque é vida. A vida humana consiste numa narrativa, conjugada no presente em cada ser humano, não homem ou mulher, mas homem *e* mulher, formas declinadas necessárias e tensionalmente diferentes onde, de forma dramática e projectiva, se unem num contínuo renascer a razão vital e a razão histórica de ambos.

A actualidade do pensamento de Mariás joga-se não só neste constante diálogo, extremamente crítico, com a tradição filosófica, mas também na reflexão filosófica que consagrou a uma contemporaneidade constituída por temas de linguagem, simbologia e antropologia, característicos dos séculos XIX e XX, como a literatura, o cinema, a (figura da) mulher,...interesses temáticos a que, porventura, por um lado, não será estranha a sua experiência como conferencista e pedagogo nas universidades americanas e francesas e que, por outro, se encontram bem enquadrados no contexto da sua antropologia da urgência radical da concretude da vida.

O magistério de Mariás foi, de igual modo, fundamental, não só para a divulgação da obra de Ortega e de Unamuno nos Estados Unidos e na Eu-

ropa, como foi uma das portas cruciais abertas para a divulgação e prática da filosofia na América Latina, particularmente no Brasil. Existe uma forte dimensão prática, didáctica e mesmo terapêutica na filosofia de Marías cujo balanço, alcance e influência, talvez ainda esteja por narrar e avaliar.

Por outro lado, ainda, a meditação de Marías acerca da Europa e das relações entre esta e a Península Ibérica, em particular, tendo Espanha e os seus regionalismos como pano de fundo, afigura-se fundamental nestes tempos de globalização e de emergência de nacionalismos. Marías dedica, também, neste contexto, a sua reflexão à cultura islâmica e à discussão do seu lastro na península Ibérica. Tendo sido toda a sua vida um pensador que sempre se assumiu como um cristão, mas sempre liberal e crítico, a sua filosofia, enquanto uma narrativa pessoal e biográfica, reflecte uma tensão criativa, onde se joga um nomadismo intelectual constante e uma pertença espiritual a uma universalidade globalizante que se assume como o projecto, sempre inacabado, sempre estruturado, reestruturado, criticado, nascido e renascido de uma filosofia como antropologia, forma de vida humana porque metafísica e metafísica porque humana:

Pero esta vida no está dada, ni siquiera como posibilidad, sino que ha de ser imaginada, anticipada e inventada por mí en cada instante. Es lo que corresponde al carácter *viniente* que antes descubrimos como condición de la persona (1970, 62).

### Referências – obras citadas:

Julián Marías, *Antropología Metafísica, La Estructura Empírica de la vida Humana*, Editorial Revista de Occidente, S. A., Madrid, 1970.

— *História da Filosofia*, prólogo de Xavier Zubiri, epílogo de José Ortega Y Gasset, Martins Fontes, São Paulo, 2004.

— *Entrevista Julián Marías-Perspectivas da Filosofia, hoje, Entrevista a Jean Lauand*, com participação dos professores Mario Sproviero y Elian Lucci – Madrid, 8-4-98. Tradução: Mario Sproviero ([www.hottopos.com](http://www.hottopos.com)).

Maria José Cantista, “Marías”, in *Logos* 3, Verbo, 1991, pp. 644-647.

Helio Carpintero Capell, *Biografía – Julián Marías* ([www.cervantesvirtual.com](http://www.cervantesvirtual.com)).

Roberto C. G. Castro, “Filosofia da vida concreta – Antropologia metafísica e Educação”, in *Educação & Linguagem*, v. 16, n. 2, pp. 137-144, jul.-dez. 2013.

Teófilo Marcelo de Arêa Leão Júnior; Rogério Cachichi; Gilmar Siqueira, *Revista Direito Democráticos & Estado Moderno* | Faculdade de Direito da PUC-SP, Nº. 01 | p.157-170 | Jul./Dez. 2020.